

**Cenário Internacional: retomada do crescimento x protecionismo.** A economia norte americana continua dando sinais positivos. No mercado de trabalho, a baixa taxa de desemprego se mantém (4,8%), assim como o ritmo de criação de vagas e o aumento do nível de rendimentos. Além disso, a inflação acelerou pelo sétimo mês consecutivo no acumulado em 12 meses, ultrapassando a meta do banco central americano (2,0%) e ainda há a sinalização de que o governo promoverá estímulos fiscais ao longo desse ano. Dessa forma, a expectativa é de continuidade do processo de elevação da taxa de juros americana.

Na China, o governo revisou a meta de crescimento para 2017, de 6,5% a 7,0% para 6,5%. A grande questão para o governo chinês é a expectativa de intensificação da política comercial protecionista por parte dos Estados Unidos – principal investidor estrangeiro e destino das exportações chinesas - uma vez que as exportações e o investimento estrangeiro são motores para o crescimento da economia chinesa.

Na zona do euro, a inflação acelerou pelo sexto mês e apresentou resultado próximo à meta do Banco Central Europeu (próximo a 2,0%), no acumulado em doze meses até janeiro (1,8%). Apesar da notícia positiva sobre a inflação, vale destacar que existem alguns fatores de risco relacionados à política interna (eleições na França) e externa (risco de aumento do protecionismo com Governo Trump). Na França, as eleições presidenciais devem ir para o segundo turno com uma das candidatas de extrema direita, Marine Le Pen, que também defende políticas nacionalistas e protecionistas.

**Setor externo – primeiros sinais de recuperação.** Em fevereiro, pelo segundo mês consecutivo, as exportações (+16,0%) e importações (+5,9%) cresceram, na comparação com o mesmo mês do ano anterior. Esse movimento simultâneo não ocorria há 3 anos. Vale ressaltar também o saldo comercial, o maior para o mês em fevereiro desde 1989 (US\$ 4,7 bi). Dessa forma, no acumulado em 12 meses as exportações avançaram pelo segundo mês consecutivo, após 28 meses em queda, ao passo que as importações iniciaram a reversão da trajetória de queda.

A moeda brasileira fechou fevereiro em R\$3,11/US\$1, atingindo a menor cotação para o fechamento de mês desde junho de 2015. Este movimento foi determinado principalmente pelo risco país, que atingiu o menor valor desde maio de 2015. Os primeiros sinais de recuperação da atividade econômica e o progresso das reformas estruturais devem continuar influenciando o risco país. Por sua vez, no ambiente externo, a expectativa de elevação da taxa de juros americana pressiona a desvalorização da moeda brasileira. Para o final do ano, a projeção da FIRJAN para o Real é de R\$ 3,22/US\$1.

**Mercado de trabalho – Taxa de desemprego nacional continua em ascensão.** A taxa de desemprego nacional segue quebrando recordes; no trimestre de novembro a janeiro, a taxa atingiu 12,6% diante da combinação de crescimento da população economicamente ativa (+1,5%) com retração da população ocupada (-1,9%), segundo a PNAD contínua (IBGE).

Para 2017, a FIRJAN projeta uma leve melhora no mercado de trabalho frente aos últimos dois anos, contudo a taxa de desemprego deve permanecer em nível elevado (12,1%), diante do aumento mais intenso da população economicamente ativa frente à população ocupada. Quanto ao fluxo do mercado de trabalho, ainda há fechamento de vagas; em janeiro foram extintos 40,9 mil empregos, segundo dados do CAGED. O comércio extinguiu 60,1 mil empregos e o setor de serviços 9,5 mil no mês. Já a indústria gerou 17,4 mil vagas, influenciada, principalmente, pela indústria de transformação (+17,5 mil), seguida pela agricultura (+10,7 mil). Nos últimos 12 meses, foram fechadas 1,2 milhão de vagas no país.

**Atividade econômica – PIB volta seis anos no tempo.** Conforme o esperado, a economia caiu pelo segundo ano consecutivo. Em 2016, PIB retraiu 3,6%, retornando ao nível de 2010. Na ótica da oferta, a principal influência negativa partiu do setor de serviços (-2,7%). Já a indústria geral apresentou uma queda menor do que a registrada em 2015 (-3,8% ante -6,3%), na indústria de transformação o movimento foi semelhante (-5,2% ante -10,4%). Na ótica da demanda, os Investimentos recuaram 10,2%, acumulando o terceiro ano consecutivo de queda. Com isso, o nível de investimentos retornou para o mesmo patamar de 2009. No consumo, as famílias (-4,2%) registraram queda mais acentuada que o governo (-0,6%). A única contribuição positiva partiu do setor externo, na medida em que as exportações avançaram (+1,9%) e as importações recuaram (-10,3%). Para 2017, a FIRJAN projeta leve recuperação da atividade, com crescimento do PIB de 0,5%.

Após dois meses consecutivos com crescimento, em janeiro, a produção industrial brasileira ficou praticamente estável frente ao mês anterior (0,1%), na série com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês de 2016, o indicador cresceu 1,4% e interrompeu um ciclo de 34 quedas consecutivas, com destaque para Indústria Extrativa (12,5%). No acumulado 12 meses até janeiro, a indústria extrativa (-7,3%) e de transformação (-5,2%) apresentaram recuo na produção, mas ambas já iniciaram a reversão da trajetória de queda; vale destacar que 21 dos 26 ramos pesquisados seguiram esse movimento. Para 2017, a FIRJAN projeta que a recuperação da produção industrial brasileira ocorra de forma lenta, encerrando o ano com crescimento de 0,7%.

**Inflação – primeiro resultado abaixo de 5% desde junho de 2012.** Os preços seguem em desaceleração; a inflação medida pelo IPCA variou 0,33% em fevereiro, a menor variação para o mês desde 2000. Na comparação com o mês anterior, a principal influência para desaceleração do índice partiu do setor de Alimentos e Bebidas, que sofreu deflação, sobretudo devido à melhora da safra. Esse comportamento deve se repetir durante o ano, visto que a previsão é de aumento de 21,8% da safra em relação a 2016. Vale destacar que a inflação acumulada em 12 meses desacelerou, pelo sexto mês consecutivo, e atingiu 4,76%. Com isso, as expectativas do mercado já apontam para inflação abaixo do centro da meta em 2017 (+4,19%). Dado o cenário de lenta recuperação da atividade e inflação abaixo do centro da meta, o BACEN mostrou que há espaço para a continuidade do ciclo de redução da taxa de juros, que está em 12,25%. As expectativas de mercado coletadas pelo boletim Focus já projetam a taxa de juros em 9,0% no fim de 2017.

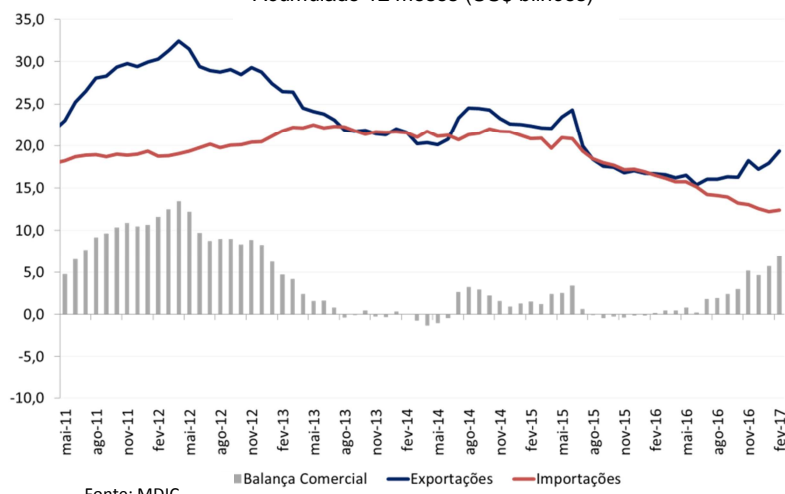
**Política Fiscal – Resultado primário de janeiro é o melhor para o mês desde 2001.** Em janeiro, o Resultado Primário do Setor Público Consolidado registrou superávit de R\$ 36,7 bi. Este foi o melhor resultado para o mês desde o início da série histórica (2001). No acumulado dos últimos 12 meses o déficit equivale a 2,3% do PIB, ante déficit de 2,5% em dezembro. A meta estabelecida para o ano é de déficit de 2,1% do PIB.

## Economia Fluminense

Crise fiscal continua sendo entrave para recuperação da atividade

### Setor Externo RJ

Acumulado 12 meses (US\$ bilhões)



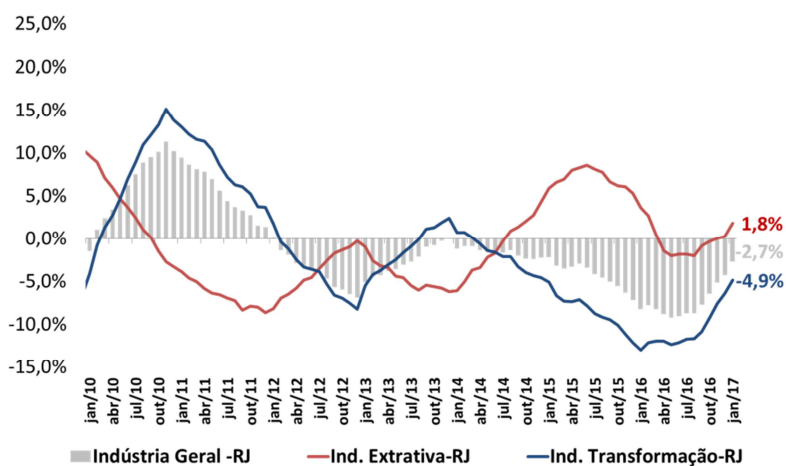
Fonte: MDIC

Em fevereiro, o estado do Rio de Janeiro apresentou saldo comercial positivo (US\$ 1,4 bi). Este resultado foi apoiado na queda das importações e no aumento das exportações, frente ao mesmo período do ano passado. Vale destacar que as vendas externas atingiram o maior valor para o mês dos últimos quatro anos, principalmente pelos embarques de petróleo.

No acumulado 12 meses até janeiro, a comportamento está em linha com o nacional, porém de forma mais intensa: as exportações fluminenses aumentaram mais que a média nacional (16,1% contra 0,6%), enquanto as importações caíram mais que na média do país (-24,8% contra -12,6%).

### Produção Industrial RJ

Var. % Acumulado 12 meses

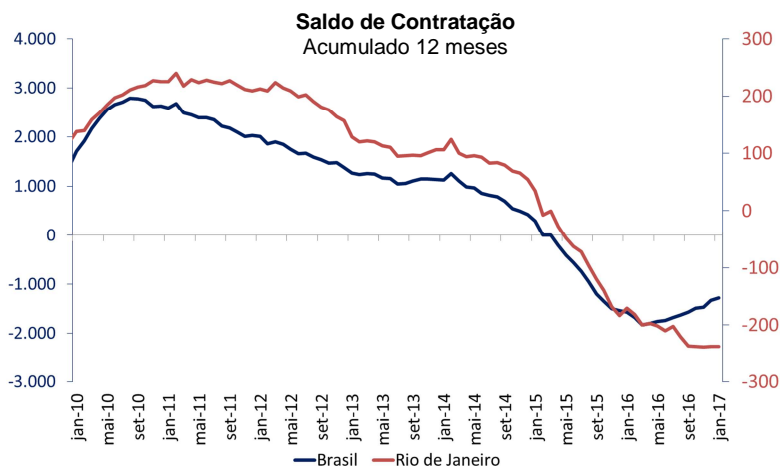


Fonte: IBGE

Fonte: IBGE

A produção industrial fluminense apresentou aumento de 0,3% em janeiro, descontados os efeitos sazonais. Na comparação com o mesmo mês de 2016, o crescimento foi de 4,6%, com 7 das 14 atividades aumentando a produção, destaque para a Indústria Extrativa (+13,0%) e Metalurgia (+31,3%). No acumulado em 12 meses, a indústria fluminense apresentou resultado melhor que a média nacional (-2,7% contra -5,4%). Depois de cinco anos consecutivos em queda, para 2017, a FIRJAN projeta crescimento de 1,2% da indústria fluminense, puxado, sobretudo, pela indústria extrativa.

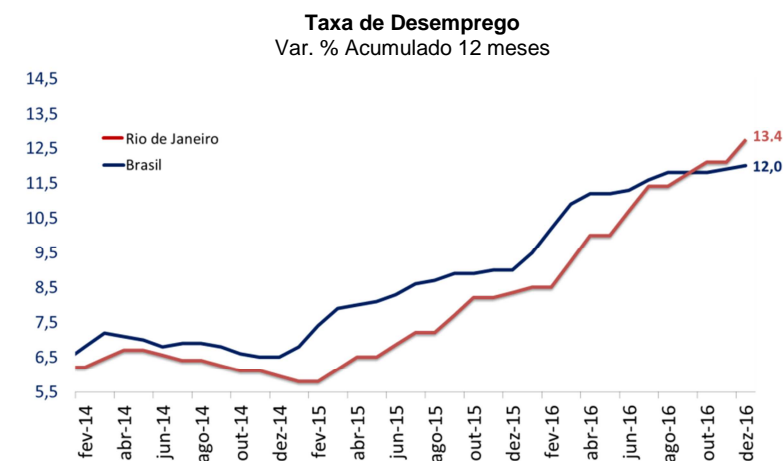
## Mercado de Trabalho RJ



Fonte: CAGED/MTE

O estado registrou redução de 26,5 mil empregos em janeiro, sendo responsável por 65% das demissões observadas em todo o país. No acumulado em 12 meses até janeiro, a retração foi de 237,8 mil.

Todos os setores tiveram reduções nos postos de trabalho no mês. Enquanto no resultado nacional a indústria criou vagas, no estado o setor fechou 4,6 mil postos de trabalho, sendo influenciada, principalmente, pela construção civil (-2,5 mil), seguida pela indústria de transformação (-1,9 mil).



Fonte: PNAD/IBGE

A taxa de desemprego fluminense medida pela PNAD Contínua atingiu 13,4%, no 4º trimestre de 2016, o pior resultado desde o início da série histórica, em 2012. A taxa ficou 4,9 p.p. acima do registrado no mesmo período do ano anterior (8,5%) e 1,4 p.p maior que a média nacional no mesmo período. Esse resultado é explicado pelo crescimento da população economicamente ativa (+2,7%) e pelo recuo da população ocupada (-2,8%).

**EXPEDIENTE:** Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) - Av. Graça Aranha, 01 CEP: 20030-002 - Rio de Janeiro. **Presidente:** Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; **Diretora de Desenvolvimento Econômico:** Luciana de Sá; **Gerente de Estudos Econômicos:** Guilherme Mercês; **Coordenador da Divisão de Estudos Econômicos:** Jonathas Goulart; **Equipe Técnica:** Julia Pestana e Nayara Freire. **Estagiários:** Claudio Guilherme e Rafael Sol; Informações: [economia@firjan.com.br](mailto:economia@firjan.com.br)